

Para a Alice, com amor

Algures, em 30 de Agosto de 2007

Querida Alice,

Chegou, finalmente, o dia do teu sexto aniversário. Finalmente, porque a pressa de *ser grande* se transforma em impaciência quando os aninhos ainda podem ser contados pelos dedos.

Entre Agosto e Setembro, entre o brincar sem cuidados e o ir à escola é só um *saltinho de pardal*. Dentro de poucos dias, a criança que és há-de ser “*aluno*”. Presumo que não vás perceber a diferença, mas não ousa afirmar. Quero apenas acreditar que, em 2007, já não sofras os dramas que crianças de outras gerações suportaram. Nascestes no primeiro ano deste século, mas houve alguém que, já no início do século XX, escrevia que aquele seria “o século da criança”. Enganou-se.

Como todas as crianças, sentirás apreensão e curiosidade. Irás fazer novos amigos e conhecer adultos que, supostamente, te ajudarão a crescer e a compreender o mundo. É sobre esse mundo novo e misterioso, que se abre para os teus olhos de menina curiosa, que eu te venho falar. Venho contar-te as histórias que não te pude contar quando eras mais pequenina. Eu explico...

Nos anos que se seguiram ao teu nascimento, à semelhança de outros professores em início de carreira, os teus pais não tinham poiso certo. Ano após ano, viviam a incerteza da “*colocação*”. Eu explico...

“*Colocação*” era o final feliz de uma angustiada espera. A “*colocação*” dava aos teus pais a certeza de que, pelo menos durante um ano, poderiam fazer o que gostavam de fazer: ensinar e aprender numa escola como aquela onde vais viver alguns anos da tua vida. E era também nessa diária aventura de ensinar e aprender que os teus pais amalhavam o seu sustento e asseguravam o teu futuro.

Os teus pais conheceram-se, amaram-se e quiseram que viesses ao mundo num tempo incerto. Não esperaram por tempos seguros, que, nestas coisas do amor como nas de aprender e ensinar, o que é urgente não deve esperar. E aceitaram a sina de, ano após ano, levarem a casa às costas para onde o acaso do “*concurso*” os atirava. Eu explico...

“*Concurso*” era um estranho jogo, um jogo de acasos, que os professores eram obrigados a jogar naquele tempo. O “*concurso*” era impiedoso e, no final de cada ano

lectivo, impunha a violência da separação àqueles que se começavam a conhecer e a compreender. O “*concurso*” era cego, pouco se importava com os afectos e nada entendia de criar laços.

Impedidos de concretizar o sonho de fazerem as crianças mais felizes, afastados daqueles que aprenderam a amar, os teus pais mudavam de casa, ano após ano. Dentro da casa, levavam o teu berço para longe das paragens habitadas pelos teus avós. Era assim naquele tempo e, só por isso, não pude estar junto de ti para te contar o mundo pelo caminho dos bosques e palácios de sonho habitados por duendes e príncipes encantados. E tu não pudeste ensinar-me a gramática de tempos que serão teus e que, certamente, já não poderei ver.

Mas sei que os teus pais te afagaram com a meiguice das palavras que crescem no coração dos pais. Tenho a certeza de que se debruçavam sobre o teu rosto quando ainda só falavas com o olhar, para te dizer do imenso afecto que os unia e de que eras o fruto maravilhoso. Estou certo de que embalaram o teu sono com histórias que te ajudaram a afugentar as sombras e os medos da infância.

Se não te disse as palavras doces no tempo certo, agora me redimo. Falar-te-ei em nome de todos aqueles que, em perturbados tempos, se deram a utópicas tentativas de dar sentido a experiências que a maioria das crianças que foram as da geração dos teus pais e avós não puderam conhecer. Falar-te-ei de professores que acreditavam ser possível pôr humanidade no acto de aprender e ensinar. Quero que saibas que havia pessoas assim.

Aqui chegado, pressinto que te interrogues: afinal de que estás a falar, avô Zé? Estou a falar de histórias que ficaram por contar. Através das imperfeitas palavras, farás a viagem ao tempo em que em que se desenhavam os destinos das crianças futuras, projectos (como então se dizia) de escolas de um devir luminoso. Disso te falarei amanhã.

Com amor,

O teu avô José.

Preâmbulo ao voo das gaiivotas

Algures, em 31 de Agosto de 2007.

Querida Alice,

O prometido é devido: a escassos dias de conheceres o mundo novo da escola que será a do teu tempo, o teu avô vem contar-te histórias da escola que foi a de velhos mundos de outros tempos.

A ideia de Escola é muito antiga. Já na Grécia de há milhares de anos havia quem acreditasse serem os seres humanos capazes de buscarem, em si próprios e entre os outros seres, a perfeição possível. Mas, com a passagem do tempo, essa Escola deixou de fazer sentido, porque deixou de se perguntar se faria sentido ficar parada, a ver passar o tempo. E, assim como um senhor chamado António Vieira pregava aos peixes, por serem os humanos incapazes de ouvir, nesse tempo, o teu avô enviava recados às aves, porque muitos professores já não sabiam ouvir. Mas passemos à história que hoje tenho para te contar...

Era uma vez, um reino encantado e junto ao mar. Encantado, porque uma fada má transformara todos os seus habitantes em pássaros. Junto ao mar, porque convém ao enredo da história.

No reino encantado, havia cidades e, para além dos muros das cidades, outras cidades e outras escolas. Estas escolas de aprender a voar eram quase todas iguais entre si. E iguais a essas eram outras escolas dentro das cidades das aves.

As avezinhas aprendizes eram todas diferentes umas das outras. Havia o rouxinol e o seu maravilhoso trinado; havia a calhandrinha e o seu canto monótono. Ia à escola o melro saltitante e o beija-flor de voo gracioso. Mas o manual de canto era igual para todos, o manual de voo era igual para todos. Ensinava-se o piar discreto e em coro. Praticava-se o voo curto, de ramo para ramo.

Havia o manual para as aulas de piação. Nas aulas dadas pelo manual, os papagaios treinavam os seus pupilos no decorar melopeias sem sentido. Todos ao mesmo tempo, no mesmo ramo, na cadência imposta pela batuta do papagaio instrutor.

Havia o manual (igual para todos) utilizado pela coruja para o ensino do cálculo da velocidade e da direcção de voos jamais materializados. Os voos lidos no manual eram, obrigatoriamente, muito curtos e obedeciam a critérios de que as jovens aves ignoravam

o fundamento. Por sua vez, o galo ensinava o bater de asas de voos simulados, e impunha aos jovens pássaros a repetição do teórico *cócorócar* que os fazia conformar-se com o destino de habitar gaiolas e acatar as hierarquias das bicadas.

Copiava-se pelo manual de História a História oficial. Outro manual orientava o milhafre que, nas aulas de sobrevivência, ditava a quantidade de milho, farelo, ou couve picada, da ração diária a dar à criação.

Periodicamente, os mochos submetiam o receoso bando de aprendizes ao estranho cerimonial dos testes. As provas eram iguais para todos, num tempo igual para todos, com todos os pássaros aprendizes fechados no mesmo espaço. Se o teste fosse de voo planado, ainda que, lá fora, soprasse um vento propício ao *looping*, do lugar não saíam. E pouco importava que as asas do albatroz fossem dez vezes maiores que as do estorninho. Às aves mais lestras eram cortadas as asas, para que acompanhassem o ritmo do mocho. E as avezinhas que não conseguissem bater as asas ao compasso das restantes ficavam, irremediavelmente, para trás. Depois de identificadas as aves deficientes, encaminhavam-nas para o cativeteiro dos voos alternativos, ou submetiam-nas a aulas de recuperação ministradas por corvos especialistas em voo rasante.

Encerrados nas gaiolas douradas da instrução, os jovens pássaros definhavam na repetição de rotinas. Se a calma reinante era perturbada por um grito, ou pela súbita mutação da graciosidade do voo num violento choque de asas, tudo voltava ao normal e sem demora... O método era a domesticação. Mas, se perguntássemos aos adestradores porque domesticavam, não saberiam que resposta dar.

As personagens centrais da nossa história serão as gaivotas. Para dizer a verdade, apenas um pequeno bando de gaivotas dissidentes. Um dia, decidiram abalar dos rochedos junto ao mar e ir à aventura terra adentro.

Aves inquietas e curiosas, arriscavam descer ao fundo de cavernas que tinham servido de refúgio a piratas. Num dos mais profundos recantos de uma das mais profundas cavernas, encontraram um cofre. Dentro do cofre, velhos pergaminhos. Leram-nos. E o súbito achado despertou o desejo de partir.

Num dos dias do seu longo peregrinar, as gaivotas chegaram a uma terra entre dois rios. Era um lugar onde as águas, que deveriam saciar a sede a todas as aves e refrescar as penas nas tórridas tardes de Estio, corriam turvas e em proveito de alguns passarões.

Dessa aventura te falarei na próxima carta.

Com amor,

O teu avô José.

No tempo em que as aves falavam

Algures, no primeiro dia do mês de Setembro do ano 2007.

Querida Alice,

Estávamos nós num tempo de há muito tempo, num tempo em que as aves falavam à semelhança dos humanos seres. Mas, se quiséssemos estabelecer paralelos entre dois mundos, difícil seria discernir se, nesse tempo, o dom da fala era apanágio da humana condição, se as pontes de entendimento iriam do mundo dos pássaros para o dos homens, se deste para o dos pássaros.

Creio mesmo ser injusto, por exemplo, que se diga da caturra que “só lhe faltava falar”. Esse pássaro encantador – que talvez te recordes de ter visto quando pequenina, na casa dos teus pais – era bem mais eloquente que alguns humanos seres que foi dado ao teu avô conhecer.

Nesse tempo, encerradas na clausura cinzenta das gaiolas de instrução, eram as aves treinadas para perpetuar o método único, que consistia em trocar o belo canto pela repetição de monótonas melopeias entoadas em escalas descendentes. O borogóvio, “pássaro magro, de aspecto desagradável e com as penas todas pegadas umas às outras”¹, era quem melhor se adaptava ao método único. Pássaro ridículo, “uma espécie de vassoura viva”, no dizer de L. Carrol, aderiu incondicionalmente à regra do “sempre foi assim” e tinha por compinchas os porquenãos.

Aos pássaros porquenãos competia vigiar o cumprimento das normas e rituais de adestrar as jovens aves. Os porquenãos, que assim se chamavam por não saberem explicar por que faziam o que faziam – era assim porque era assim... e pronto! – dificilmente coexistiam com os pássaros-mestres propriamente ditos. Os porquenãos eram aliados dos ratos e das víboras, animais do solo, invejosos e maledicentes. Os pássaros-mestres dormitavam nas copas inacessíveis aos ratos cavernosos e às víboras rastejantes.

À vista desarmada, não havia quem conseguisse distinguir uma espécie da outra. Aos pássaros-mestres não restava alternativa senão a de piar em segredo, aferrolhados nos galhos altos. Porque, se algum porquenão lograsse intuir o perigo da diferença, nunca mais os pássaros-mestres teriam sossego. Restar-lhes-ia mudar-se para uma outra gaiola

¹ “Alice no País das Maravilhas”

dourada, de preferência bem distante daquela. E havia ainda os porquenins, animais de outro reino, sempre de acordo ora com uns ora com outros, conforme a ocasião.

Talvez se torne difícil para ti, Alice, que vives outros tempos, compreender por que pássaros sem alma roubavam primaveras e impunham céus cinzentos a muitas gerações de aves escolarizadas. Imagino difícil a tarefa de te explicar a exclusão de aves especiais privadas da compreensão e do apoio de gaivotas plurais. Prevejo impossível explicar-te o emudecer do canto dos bosques, esmagado por letais silêncios e sombras. Mas falemos da viagem das gaivotas...

Eram aves migrantes e dissidentes estas gaivotas. Eram aves marginais à História dos pássaros absorvidos por vidas que abdicam de viver. Nada tinham de comum com as suas irmãs, que não arriscavam o voo que as afastasse da costa e que, entre o nascimento e a morte, apenas conheciam o cheiro nauseabundo dos esgotos e o frémito dos medos. Como já percebeste, as gaivotas da nossa história não seguiam o rasto das traineiras, nem debicavam peixe podre.

Durante a viagem, as gaivotas tiveram encontros felizes. Mal começaram a afastar-se da costa, encontraram um corvo-marinho. Voava alto e vertical, e nem deu pela presença das gaivotas. Avistou um peixe nas águas claras e mergulhou vertiginosamente, para logo emergir saciado e de penas secas e limpas. Eram as penas negras, como as que vestem os pássaros que conheceram as longas noites sem voo e a arte de peregrinar.

O corvo-marinho aceitou o convite das gaivotas e partiu com elas à aventura.

Mais tarde, as gaivotas avistaram guarda-rios, que procriavam no recôndito de túneis escavados nas barreiras que bordejavam os rios, numa umbilical ligação com as águas. Verdade seja dita: não as guardavam, por correrem as águas sempre por outro lado, ou porque a ignorância dos homens as convertessem em charcos estagnados. Os guarda-rios já quase tinham esquecido os remotos ecos do fresco gargalhar de jovens almas refrescando-se em jogos de água e ilusão. Mas chegaram as gaivotas a essa terra entre dois rios e logo os trinados de pássaros livres regressaram às suas margens. Porque, entre as demais, uma gaivota sugeria aos jovens aprendizes de voar o voar mais longe nas asas do sonho.

Sei que hás-de gostar dessa história. Depois ta contarei.

Fica em paz e com o amor do teu avô José.

E se uma gaivota pousasse na Torre de Pisa?...

Algures, em 2 de Setembro de 2007,

Querida Alice,

Recordar-te-ás, decerto, da descrição de “*um reino encantado, onde uma fada má transformara os homens em pássaros*”. Pois convirá que eu faça, desde já, uma correcção. A fada não era má, era uma espécie de Oriana atenta às necessidades dos homens, mas que se cansou de os proteger, porque até a paciência das fadas se esgotou naquele tempo, um tempo em que muitos homens passaram a ser presa fácil da palavra corrompida, usada para confundir, quando a palavra humanidade passou a ser escrita com letra minúscula.

Diz-se que o nível moral da humanidade pode ser medido pelo tratamento dado às crianças, aos velhos e aos animais. Pois, naquele tempo, era negado às crianças o direito a uma escola onde pudessem aprender a serem sábias sem deixarem de ser pessoas felizes. Os velhos eram deixados nas urgências dos hospitais, quando se aproximava o tempo das férias. No início de cada Verão, cães e gatos eram abandonados em sítios ermos. E havia quem ganhasse dinheiro apostando no cão que mataria outro cão em lutas organizadas pelos “homens”. Havia quem se divertisse com o sofrimento de animais nas arenas, quem se deleitasse a destruir ninhos, ou a observar pássaros definhando em gaiolas. Como aquele pássaro de que nos falava um verdadeiro homem de nome Rubem Alves, um pássaro encantado que “colhia morangos à beira dos abismos”, sem temer os abismos ou se deter no voo que com que os transpunha.

As aves evitavam a proximidade dos homens, por não se sentirem em harmonia com um tempo infectado de preconceito e maledicência. Encontravam refúgio em pequenas comunidades humanas que ousavam resistir ao contágio da crueldade e da competição, doenças do espírito que não deixavam ver os outros como seres mas como coisas na relação com outras coisas.

Os avós nunca mentem, enganam-se. Por isso, eu corrijo: “*era uma vez... uma fada que transformou homens em pássaros*”. Porém, logo que a fada lhes entregou os destinos dos seres que habitavam os mares, as terras e os céus, esses pássaros edificaram cidades e, para além dos muros das cidades, outras cidades feitas de gaiolas e capoeiras na costumeira agitação: um bater de asas, um cacarejar aflito, o sangue a gotejar para uma

tigela com vinagre. Indiferentes à dor, sem uma emoção fingida sequer, sem um ténue sentimento de compaixão, entre o ovo e a panela, as aves viviam uma existência sem sobressaltos e... sem vida. A repetição do galináceo martírio amolecia a firmeza do carácter e quase todas as aves se rendiam ao fatalismo de um cativo feito de grades e mortes prematuras.

Nas escolas da cidade das aves, perdera-se o sentido da infância. Nos intervalos do cativo, o canto transformava-se em grito, a graciosidade do voo em violentos choques de asas, como se a revolta fosse uma forma superior do desespero que abrisse caminho para outros céus. *Mas as carteiras não se transformavam em árvores, nem os tinteiros se transformavam em pássaros.* E as avezinhas com defeito eram reunidas num só ninho, onde rasgavam as asas nas armadilhas que a escola tecia.

As gaivotas acreditavam que todas as aves conseguiriam voar, se fossem aperfeiçoando o voo, se lhes fosse permitido voar a seu modo, se não lhes fosse imposto o ritmo de voo de todas as outras aves. Acreditavam que todas as avezinhas aprendizes se sentiriam seguras no regresso ao ninho após cada voo curto, que se alargaria devagarinho, à medida do debelar dos medos e do sarar das penas.

As gaivotas buscavam o pássaro tão próximo do que se pudesse ser. Cuidavam dos pássaros que os ventos ou o desleixo dos progenitores faziam cair dos ninhos. Acolhiam aves caídas das escolas iguais a todas as escolas. Cumulavam de afecto as asas feridas. Mas pensavam ser urgente que todos os pássaros-mestres se encontrassem, reflectissem juntos o futuro de todas as aves e resolvessem o problema das aves excluídas.

Após muitas tentativas, conseguiram organizar uma reunião, por ficarem os pássaros instrutores dispensados da função para o efeito. Mas aos pedidos de cooperação, um pássaro instrutor porquênão respondeu porque não... e pronto! Outro porquênão respondeu que depois diria alguma coisa, porque já se fazia tarde para levar os filhotes a lições extra para afinar o canto. Outro disse logo que não lhe sobrava tempo para aulas extraordinárias. Outro ainda perguntou se lhe aumentariam a ração de alpista pela prestação do serviço. Um porquênão comentou para o lado que deveria haver escolas especiais para as aves especiais. E lá se foi a par dos restantes, rogando pragas às gaivotas pelo tempo que a fizeram perder, e ameaçando atizar os progenitores das aves aprendizes contra as gaivotas e as suas estranhas ideias.

Crês, Alice, que as gaivotas terão desanimado ou mesmo desistido? Não, porque elas sabiam que até o suave contacto de uma gaivota no cimo da Torre da Pisa pode acelerar a sua queda...

Uma história quase triste

Algures, em 3 de Setembro de 2007,

Querida Alice,

No tempo em que o teu avô tinha a idade que tu agora tens, um pássaro livre chamado Camus disse que as grandes ideias vêm ao mundo mansamente, como pombas. Para que nos apercebamos da sua presença, basta sermos capazes de ouvir, *“no meio ao estrépito de impérios e nações, um discreto bater de asas, o suave acordar da vida e da esperança”*.

As gaivotas de que te falei na última carta eram aves atentas a esse suave bater de asas. Conscientes da inversão de valores que apodrecia a comunidade avense, lançavam para o espaço interrogações maiores que o medo, que acordavam recordações da infância, acendiam caminhos e juntavam sons dispersos, para que o derradeiro pássaro não encerrasse as asas e o temerário canto.

As gaivotas inventaram outros modos de viver e de voar. Contrariavam os porquenãos (já te falei neles), pássaros com tendência para amanhecer demasiado tarde e beber silêncios no degredo dos ninhos. Se existia uma ave-do-paraíso, algum paraíso haveria algures e, crenes na bondade dos pássaros, as gaivotas ergueram uma escola entre dois rios, onde renascia a ternura nos ramos expostos ao doce embalo de novas aragens. Aquelas aves tinham nascido sem destino, sem corredores aéreos delimitados. E, porque o seu sonho se consumou quando já nada se esperaria da escola, tudo ainda era possível. A fama da escola das aves chegou longe. Ainda que muitas outras escolas de voo não acreditassem no novo método de voar, vinham pássaros de toda a Terra, em longas migrações, só para verem se era tal como se contava. Dos olivais aos montados, das serranias aos vales profundos, acorria à escola das aves uma grande diversidade de pássaros e de intenções. Os pássaros que na fala das gaivotas se reviam delas se aproximavam. E, se alguns as desdenhavam, outros se lhes juntavam: o rouxinol com o seu maravilhoso trinado, o melro saltitante, o beija-flor de voo gracioso...

Mas esta é uma história talvez triste. Um dia, vinda do outro lado do rio, caiu sobre a escola das aves uma praga de maldade. Algumas negrelas (aves palmípedes que, em latim, dão pelo nome de *fulica criatata*) urdiram uma sórdida conspiração. Importa realçar que foram apenas algumas negrelas, não todas, pelo que os actos insanos de um

pequeno bando não poderão ser estigma para as restantes, porque a maioria das negrelas permaneceu fiel à verdade e à rectidão.

Num primeiro momento, o pequeno bando de negrelas invadiu o espaço da escola, parasitou saberes e imitou o canto de outros pássaros, para lhes roubar o futuro. As gaivotas acreditaram nas negrelas, deixaram-se enganar pelo seu encantatório canto. Espantaram-se quando as negrelas recusaram elevar a alma à altura do sonho, quando as negrelas decidiram trocar a liberdade pela protecção dos galhos velhos da densa vegetação das margens de charcos e lamaçais. E, por tudo ter sido tão súbito e surpreendente, as gaivotas ficaram indefesas perante os ataques que se seguiram. As gaivotas aperceberam-se de quão frágeis são os espaços de liberdade. Aves sem cuidados, foram presas fáceis para as traiçoeiras arremetidas de predadores. Os ares ficaram empestados por grifos instigados pelo bando de negrelas. Essas aves de rapina saciaram os apetites nas carcaças podres dos cadáveres dos pássaros que sucumbiram. Os grifos não diferiam de outras aves, que são emplumados itinerários entre ingerir e evacuar, e eram tão vorazes que, por vezes, não logravam levantar voo dos campos da morte.

As negrelas que se esconderam nas árvores de troncos putrefactos deixaram atrás de si um rasto de destruição. E não passou muito tempo até que os ventos trouxessem do outro lado do rio ecos de infâmias. Aves de mau agoiro ensaiavam papagaios, que são, como se sabe, aves que repetem disparates sem cuidarem de saber dos efeitos. Atreveram-se mesmo a publicar falsidades nos jornais da passada, pois ignoravam que a ignorância não é pecado e que o pecado está em não querer saber.

Não creias, querida Alice, que na História dos pássaros sejam raros episódios tão tristes como o que acabo de narrar. Nem creias tampouco que o mal possa alguma vez triunfar. Na História dos homens, houve um Galileu que foi caluniado e perseguido pela Inquisição, só porque afirmava que a Terra girava em volta do Sol. E houve outro galileu caluniado e perseguido, só porque transgredia por amor e anunciava novos tempos. Porém, até na morte triunfaram.

O que parecia inevitável não aconteceu. Os papagaios calaram o bico, as aves de rapina encolheram as garras, o pequeno bando de negrelas dispersou, a grande comunidade das negrelas sossegou, e a escola das aves ressurgiu. Como vês, é tudo uma questão de tempo, esforço e esperança. Tudo o que é justo e verdadeiro se ergue das cinzas, como a Fénix, que é uma ave da mitologia. As gaivotas da nossa história continuaram a sobrevoar mares longínquos em busca de novos sóis, animadas da coragem que permite

reconstruir ninhos devassados, e envolvidas numa verdade tranquila, acima da espuma dos dias e de marés negras, em voos jamais adivinhados.

Sê como as gaivotas, querida Alice.

O teu avô José

Era uma vez...

uma pedra da idade da pedra

Algures, no dia 4 de Setembro de 2007

Querida Alice,

Como sabes, uma pedra é coisa para não sair do sítio onde nasce – poderemos, neste caso, atribuir a um objecto inerte qualidades do que se supõe estar vivo... E aquela era uma pedra mesmo pedra, teimosamente enraizada no lugar onde o nascimento do universo a tinha plantado. Estava plantada mesmo à beirinha da escola das aves.

Há muitas espécies de pedras. Mas aquela pedra pertencia a uma espécie rara. Era uma pedra da idade da pedra. Geração após geração, como toda a pedra que se preze, a pedra da idade da pedra tudo ouviu e nada disse. Mas a pedra de idade da pedra não era uma pedra qualquer, era uma pedra especial, uma pedra de sentar para encontrar amigos. Sempre que uma avezinha cansada de voar ou uma gaivota saciada de espaço nela pousava para repousar, logo a pedra mágica se transformava num ninho de afectos que atraía outros pássaros de doce chilrear.

A pedra da idade da pedra era para a escola das aves como a pedra angular das catedrais. Não era uma pedra de sustentar abóbadas, mas inspirava idêntico sossego e exalava a mesma doçura que tem um pelicano de asas imensas, protectoras. Em tempos adversos, quando os céus ficavam cobertos de nuvens de negros presságios, era aquela pedra da idade da pedra que zelava pela conservação da herança de tempos suaves.

A pedra da idade da pedra era também a fiel guardiã da memória dos pássaros. Há pedras assim, fundadoras, que contagiam a memória dos pássaros jovens com pressentimentos de antigos e aconchegados ninhos. Numa das manhãs que sucederam à medonha invasão das negrelas, calhou de uma gaivota pousar sobre a pedra da idade da pedra. A gaivota estava exausta. Só a memória de distantes e admiráveis dias lhe concedia algum ânimo para resistir, porque, entre certas espécies, os pássaros que cometem crimes gozam de impunidade, e alguns até chegam a ocupar altos galhos na hierarquia. Nesses nichos de pássaros de duvidosa moral, quanto mais alto o galho, maior a impunidade. Por isso, os pássaros despidos de alma conspiravam na sombra e debilitavam laços.

Tudo o que te venho narrando nestas cartas se passou enquanto aprendias a balbuciar as primeiras palavras, sem te dares conta de viver um tempo sombrio. Como ia dizendo, numa das manhãs que sucederam à medonha invasão das negrelas, calhou de uma gaivota pousar sobre a pedra da idade da pedra, uma pedra que não era igual a outras pedras, uma pedra detentora de inefáveis dons, de uma clara magia. Sempre que uma gaivota nela pousava e cerrava os olhos, subia da pedra da idade da pedra um suave perfume e eflúvias meditações se produziam. De imediato, do recanto mais íntimo de um lugar onde os homens supõem não haver lugar para a imaginação, assomavam humanos pássaros, míticos seres a que se convencionou chamar anjos. Estes seres alados, dotados de brancas e poderosas plumas que os elevam acima dos voos dos rasantes humanos, despertavam na mente das gaivotas memórias de tempos futuros, em que o arrojo de um Ícaro já não teria a temer o ardor do Sol. Não me refiro ao *“sexto anjo, que mergulhou a sua taça no grande rio Eufrates, secando-o e preparando o caminho para os reis de Leste”*, mas àquele que, na Bíblia, avisava o mundo de um eminente *“Juízo Final”*.

As gaivotas da escola das aves não se preocupavam somente com as avezinhas que nela habitavam. A gaivota que pousou na pedra da idade da pedra pensava nos bandos que peregrinavam na direcção da Primavera que despontava a Norte. A gaivota meditava sobre o destino das aves que, pelo mês de Março, seguem o curso do Tigre e do Eufrates, rumo às longes terras do Norte, para aí nidificar. A gaivota sabia que o instinto já havia afastado as cegonhas e os pelicanos de África e que, por força da cupidez de alguns homens, as migratórias aves se arriscavam a perecer a meio caminho de uma longa viagem.

Há milénios, Aristófanes escreveu uma peça de teatro que tinha por título *“Aves”*. Nessa peça, as aves detinham qualidades dos humanos seres e por aí nenhum mal viria ao mundo, bem pelo contrário. Ao invés, o imaginar a humana imperfeição detentora de aéreas dotes inquieta e aterroriza, se evocarmos a chuva mortal derramada por pássaros metálicos sobre cidades indefesas... Porém, o que para assustadiços pássaros poderia constituir motivo de profundos receios foi para a gaivota desta história uma presença apaziguadora, uma promessa de tempos prometidos, em que o lobo pastará com o cordeiro; de um tempo em que os infieis abutres, à míngua de pútridas carcaças, se transfigurarão em vegetarianos; de um tempo em que o Tigre e o Eufrates não mais serão sobrevoados por terríficas ou fugidias aves, mas por voos serenos rumo ao Éden, o paraíso que os textos sagrados situaram nas terras que foram da antiga Suméria; de um

tempo em que os ares se cobrirão de pombas transportando ramos de oliveira... Foi isto mesmo que o anjo evolado da pedra da idade da pedra segredou a uma gaivota comovida e muda perante tanto sofrimento e tamanha destruição.

E o coração da gaivota sossegou.

A lição do pássaro Dodó

Algures, no dia 5 de Setembro de 2007

Querida Alice,

Há muito, mesmo há muito tempo, vivia nas praias de Madagáscar uma espécie de cisne, um pássaro meigo de nome Dodó. Era uma ave estranha pois, contrariamente a outras espécies, não temia a proximidade dos homens. E, por não os temer, esta espécie de pássaros foi exterminada. Homens ignorantes e cruéis – que também os havia nesse tempo... – divertiram-se a persegui-los e matá-los.

Um livro que nos fala das aventuras de uma outra Alice descreve o paradoxo do pássaro Dodó. Depois do dilúvio causado pelas suas próprias lágrimas, Alice chega a uma praia onde encontra vários animais, todos eles encharcados e com frio. O pássaro Dodó sugere que façam uma corrida para se aquecerem. Todos começam a correr, cada qual para seu lado, cada qual escolhendo o seu próprio percurso.

É fácil de ver que todos os percursos eram diferentes, dependendo da vontade e gosto de cada um dos animais. Quando, no final da corrida, todos estavam quentinhos e a salvo, perguntaram ao pássaro Dodó quem teria sido o vencedor. Como cada um correu como e por onde quis, o pássaro Dodó declarou que todos tinham sido vencedores das suas próprias corridas.

Raros serão os seres humanos que entendam a subtil sapiência dos pássaros. Mas eu sei que tu, querida Alice, compreenderás a lição. Sei que os teus pais te ensinaram a escolher caminhos. Imagino que os teus caminhos se hão-de cruzar com outros caminhos, com ou sem rotas definidas. Sei que, nos teus seis anos de idade, não estás condicionada por sentidos obrigatórios, nem contaminada pela vertigem das ultrapassagens. Saberás inventar venturosos mapas, respeitando os que optarem por inventar os seus.

Esta ideia da divergência de percursos, sejam eles itinerários paralelos ou alternativos, é tão antiga como a imposição das veredas por onde correm à desfilada e em atropelo jovens pássaros aprendizes da perseguição de fugazes pódios e honrarias. O mais certo será que, nas tuas deambulações, vejas passar pequenos gansos recém-saídos do ovo, seguindo um homem como se fosse o pai-ganso. Um sábio chamado Lorenz fez essa

experiência, e a Etologia diz-nos haver pássaros que seguem o bando que lhe trouxer maiores vantagens, ou que mudam de rumo, ao sabor das aragens.

Os antigos romanos observavam o voo das aves, neles decifrando desígnios e presságios. Atentas à necessidade e à possibilidade de propiciar diferentes viagens às jovens aves aprendizes, em muitas escolas de voar do início do teu século, também os aspirantes a gaivotas despendiam parte do seu tempo na observação de cada frágil bater de asas. Depois, ensaiavam a interpretação das vontades de voar – sempre diferentes de pássaro para pássaro – e desenhavam esboços de aéreos trajectos, que cada pássaro aprendiz reelaborava segundo o seu ritmo e a sua deliberação.

Em discretos ninhos, no mais recôndito das escolas dos pássaros, havia mestres que se arriscavam a questionar a tradicional pedagogia do voar. Essas gaivotas eram cuidadosas, procuravam não dar nas vistas, mas nem sempre estavam prevenidas contra as investidas dos pássaros porquenãos (recordar-te-ás, querida Alice, de que os porquenãos se chamavam assim por consideraram que não era assim... e pronto!), e eram o alvo preferido de aparências de pássaros. Aparências, porque dispunham de asas, mas não eram aves. Voavam, mas pássaros não eram. Vampiros se chamavam.

Houve uma gaivota mutante de nome Zeca Afonso, que foi perseguido por vampiros do seu tempo. Foi proibido de ensinar o voar de modo diferente. Porque, lá do fundo de escuros e inacessíveis antros, os vampiros vigiavam e sufocavam mestres e escolas. Durante muitos anos, os vampiros exauriram *quem lhes franqueasse as portas à chegada*. Nos primeiros anos do teu século, os vampiros ordenavam aos porquenãos que ensinassem a voar a todos como se de um só se tratasse, como se cada pássaro não fosse um ser único e irrepitível. *Batendo as asas pela noite calada*, apoiavam os abutres e papagaios detractores da arte das gaivotas, em pérfidas investidas contra tudo o que pressentissem divergente. *Com pés de veludo*, chegaram mesmo a publicar éditos de interditar voos vários.

Naquele tempo, as gaivotas a tudo resistiram com suprema paciência, pois tinham por aliados os pais das aves aprendizes, e por sonho o fazer das jovens aves seres mais sábios e mais felizes.

Quero que saibas, querida Alice, que o mesmo Deus que punha a mesa para os pássaros velava pela conservação dos vampiros. O Deus das gaivotas era o mesmo dos vampiros, e sabia que, se os vampiros desaparecessem, alguma coisa se perderia e *o mundo ficaria mais pobre...* Mas, na sua onisciência, também sabia que os vampiros passariam e que o sonho ficaria à espera de despertar numa outra gaivota, mais adiante.

“A escola de uma nota só”

Algures, em 6 de Setembro de 2007,

Querida Alice,

No tempo em que os teus olhos se habituavam ao céu do Sul da tua infância, o teu avô atravessava esse mesmo céu no ventre de um pássaro de metal, respondendo aos apelos de aves sequiosas do fermento que faz levedar os sonhos. Nesse tempo, também as palavras voavam, mas no ciberespaço, nas asas que homens de engenho lhes deram. De modo que, cada vez que regressava do outro lado do oceano, já as ideias e sentimentos de muitos e maravilhosos pássaros haviam chegado à minha caixinha do correio electrónico (correio electrónico era um utensílio que usávamos no tempo em que vieste ao mundo). Dou-te a ler pedacinhos de uma dessas mensagens:

“Caro Zé, (...) eu continuo na minha pesquisa, juntei algumas coisas, servirão bastante para colocar "a pulga atrás das orelhas dos professores". Quem sabe eles não dão o famoso pulo do gato e reinventam formas de compreender o que está acontecendo com seus alunos? Veremos. É impressionante como os dirigentes dessa educação brasileira ainda não perceberam por onde se vai a Roma! É mexendo com o corpo e a alma dessa criançada que eles vão. Só o governo é que não vê. Finalmente digitei o texto. Aí segue. A “escola de uma nota só” só recebe alunos que toquem a escala de dó. Os professores só entendem quem canta num mesmo tom. Essa escola não consegue entender quem aprendeu música na rua, no campo, ou quem não aprendeu música nenhuma. Felizmente, alguns professores já aprenderam a ouvir diferentes melodias e sensatamente construíram outros sons. Mesmo assim, para a grande maioria a demais música ainda soa incompreensível, necessitando de um ajuste na melodia. Dizem que estas crianças têm uma forma diferente de aprender a cantar e até – quem sabe! – de pensar. Falam de uma dificuldade articulatória que, por conta desta palavra feia, é necessário um método todo especial. Tenta-se juntar essas crianças, se possível reagrupando-as num mesmo tom, para que uma educação especial seja cuidadosamente a elas ministrada. Nela se prepara uma pauta especial e um maestro especializado. Vão continuar com a música meio fora de tom, mas não haverá afinados por perto para provocar, para mostrar o quanto eles desafinam. Mas para muitos educadores esta história está tomando outro rumo. Educadores como nós, que

acreditamos em uma educação especial para todas crianças, juntas, trabalhando as diferenças e igualdades. Optando pela vida tal qual ela é, sem redomas. Estamos lutando pela inclusão de todos os alunos com alguma deficiência, mas não nos esquecemos milhares de alunos que são expulsos dessa mesma escola, que, insistimos, é para todos. Nossa escola não está preparada nem para as crianças consideradas normais, muito menos para as pessoas com deficiência. Por que queremos uma escola onde afinados e desafinados façam parte da mesma orquestra? É porque acreditamos que todas as crianças têm o direito a crescer em ambientes o mais livres possível e juntas, independentemente de raça, credo ou capacidade intelectual. Queremos uma escola preparada para ouvir todas as músicas de variados tons. É nela que realizamos nosso exercício de cidadania, onde vivenciamos e incorporamos os valores sociais e morais, através da cooperação entre os indivíduos. Onde, de facto, a afinação da orquestra acontece. E, como já dizia o poeta, “no peito dos desafinados também bate um coração.”

Esta sensível mensagem foi-me enviada pelo beija-flor que habitava o frágil corpo de uma mulher, e terminava assim: *“Um grande beijo e toda a paz para você. Nos veremos. Susana.”*

“Nos veremos” – disse a Susana. Mas não mais nos voltaríamos a ver. Decorridos dois meses, esse frágil beija-flor iria deixar o nosso mundo mais pobre pela sua ausência. A Susana soube ocultar a doença que a condenava a partir demasiado cedo. Até ao fim, pôs entusiasmo em tudo o que fazia. Até ao fim, buscou a “escola policromática” a que se referiu na interpelação que me fez no decurso de uma conferência.

No final dessa “fala” (como chamam às conferências no Brasil) que o teu avô fez sobre a escola das aves, disse-me que havia reparado no modo peculiar com que eu me despedia das pessoas: “Até logo”! Sublinhou que um “até logo” tanto poderia significar que nos voltaríamos a encontrar mais logo, nesse mesmo dia, ou que nos encontraríamos mais tarde... ou na eternidade.

Sentindo aproximar-se o tempo de partir, a Susana vivia intensamente aquela despedida, como se fosse a derradeira. Após um longo silêncio, de um olhar de dizer e não dizer, fitou-me longamente e repetiu a saudação: *“Até logo”!* Que distraído eu estava! Absorto nas coisas que consideramos importantes, ignorante do drama, respondi, natural e laconicamente: *“Até logo”!*

Há humanos seres, querida Alice, que vivem como pássaros. Que, de tão belos, espalham em seu redor um doce perfume que os resgata da lei da morte, uma fragrância

que fica a pairar sobre a terra dos pássaros muito para além do tempo de viver. A Susana partiu discretamente, numa migração sem regresso. Por ter vivido em harmonia com a respiração dos pássaros, mora agora numa estrela, ou habita a grande catedral do espírito. As notas da sua escala em arco-íris, harmoniosamente se subdividiram em meios e quartos de tom. Multiplicaram-se. Da claridade da sua alma transmigrada partiram raios de luz em todas as direcções, num S.O.S. captado por corações puros de pássaros disponíveis para entoar novas melodias e interrogar as “*escolas de uma nota só*”.

Até logo!

O teu avô José

O Pássaro Encantado

Algures, em 7 de Setembro de 2007

Querida Alice,

O mocho é uma ave noturna, discreta, atenta. Talvez por isso, no imaginário dos homens, sempre foi associado à ideia de sabedoria. No início do século que precedeu aquele em que vieste ao mundo, foram muitos os mochos sábios que denunciaram a tenebrosa noite que a Escola atravessava. Um desses sábios inventou a seguinte história: *«Um belo dia, deu o diabo uma saltada à terra, e verificou que ainda cá se encontravam homens que acreditavam no bem. Como não faltava a Satanás um fino espírito de observação, pouco tardou em se aperceber que essas criaturas apresentavam características comuns: eram boas, e por isso acreditavam no bem; eram felizes, e por consequência boas; viviam tranquilas, e por isso eram felizes. O diabo concluiu, lá do seu ponto de vista, que as coisas não iam bem, e que se tornava necessário modificar isto. E disse para consigo: “A infância é o porvir da raça; começemos pois pela infância”. E o diabo apresentou-se perante os homens como enviado de Deus e como reformador da sociedade. “Deus”, disse Satanás, “ exige a mortificação da carne, e é preciso começar desde criança. A alegria é pecado. Rir é uma blasfémia. As crianças não devem conhecer nem alegrias, nem risos. O amor de mãe é um perigo: efemina a alma de um rapaz. Torna-se necessário que a juventude saiba que a vida é esforço. Façam-na trabalhar; encham-na de aborrecimento.” Eis o que disse o diabo. Então, a multidão exclamou: - Queremos a salvação! Que deveremos fazer? - Cria a Escola. E, seguindo o conselho do diabo, a Escola foi criada».*

Não terá sido em vão a denúncia das trevas que envolviam a Escola. Em breve, poderás, sem receio, dar os primeiros passos num mundo maravilhoso de descoberta dos outros, ir ao encontro de saberes das coisas vivas e inertes, e da redescoberta de ti própria. E não era esta a realidade que te esperaria há meia dúzia de anos, quando a Escola ainda era uma invenção do Demo...

Nesse tempo, a par dos gestos claros das gaivotas e de outras aves de branca magia, havia o contraponto da magia negra de pássaros doentes de inveja, que negavam a realidade e tentavam abolir a esperança. Hoje não te falarei desses tenebrosos pássaros. Evocarei um Pássaro Encantado, ser raro, sensível, que, no tempo em que tu nasceste,

contava a história de um “*pássaro branco com cauda de plumas fofas como algodão*”, que chorava e tinha saudades como os humanos nem sequer conseguiriam imaginar.

Esse Pássaro Encantado incompreendido pelos pássaros cativos era a esperança dos pássaros fraternos e sonhadores. Comovia-se perante o canto inventado por um outro pássaro mágico de nome Bach, ou quando escutava melodias inventadas por Ravel, um pássaro que deixou muitas melodias por inventar... O Pássaro Encantado havia lido “*A poética do devaneio*”, de *Bachelard*, e descoberto poetas que punham palavras nos sentimentos. Apaixonara-se pela poesia de uma gaivota de nome Pessoa, que escreveu: “*Quando te vi, amei-te já muito antes. Tornei a achar-te quando te encontrei...*”

Não há fronteiras para as aves migradoras. As cegonhas, por exemplo, percorrem milhares de quilómetros em cada ano, para cumprir o seu destino. Há patos que percorrem grandes distâncias entre as terras onde perpetuam a espécie e o lugar onde se protegem das invernias. Por isso, o Pássaro Encantado abalou para o outro lado do mar, ao encontro da escola “com que sempre sonhara”. Depois, apercebeu-se de que o sonho não habitava apenas aquela escola das aves, que o sonho morava em muitas, muitas escolas e gaivotas.

O Pássaro Encantado preocupava-se com o futuro dos jovens pássaros, mas não se conseguia abstrair da necessidade da felicidade do imediato. Animado do brilho dos inícios, ia de terra em terra, ensinando a desaprender, ajudando a desinventar o que o Diabo tinha inventado. Seguindo o exemplo do Pássaro Encantado, muitas gaivotas conscientes de que *o tempo foge enquanto a eternidade avança*, ousavam reinventar a Escola. E, porque sabiam que, se a Escola fora invenção do Diabo, o Diabo fora uma invenção dos homens, as gaivotas já reivindicavam a felicidade do *aqui e agora*. Tudo isto se passou no tempo em que tu nasceste, para que tivesses direito a ser feliz. Ainda que a escola o tivesse esquecido, ao longo das trevas em que esteve imersa até há escassos anos, o fim último da Escola é mesmo ser feliz.

No já distante ano de 2003, na estante do quarto que foi o lugar onde o teu pai cresceu e se transformou no maravilhoso ser que te gerou, coloquei os livros que o Pássaro Encantado ia escrevendo (livros eram objectos através dos quais os humanos passavam a sua herança cultural, de geração em geração). Ali permanecem, à espera de que a escola que, em breve, te irá acolher, te conceda o privilégio da paixão de os procurar, de os abrir, de os saborear. Sei que te deixarás penetrar pela benfazeja mensagem.

Há quem afirme haver genes culturais. Há quem acredite que, tal como os átomos se perpetuam corpo a corpo, também os sonhos se perpetuam nos seres a que damos vida. Tal como os livros, fico à espera do teu primeiro gesto.
O teu avô José

Um sabiá me contou...

Algures, em 8 de Setembro de 2007

Querida Alice,

Na última carta, falei-te de um Pássaro Encantado, que me fez atravessar o mar e me conduziu a lugares onde o mundo retoma a forma prometida de um “novo mundo”. Foi no eco dos seus passos que encontrei um sabiá de canto suave.

No país do Sabiá, o teu avô desfrutou de novos sabores e significados. Foram doces as horas conversadas no afago de subtis olhares tranquilos. Quisera eu que fossem mais longas. Porém, tal qual a Cindarela da história que o teu avô te contou, o Sabiá deveria voltar do lugar de onde partiam pássaros metálicos para a cidade dos *dirigíveis que voavam em todas as direcções, à altura das janelas*.

Com o Sabiá partilhei *memórias* de uma Escola de que, certamente, estranharás os contornos, mas que ainda era a mesma no princípio do século em que vieste ao mundo. Era uma Escola que procurava justificações, mas que vivia amarrada a superstições. Contava mais de duzentos anos, estava velha, rabugenta. Uma fada má a tinha fadado para encerrar jovens almas censuradas entre muros altos.

O Sabiá me contou que audazes aventureiros (Tolstoi, Neill...) fundaram reinos de fantasia, que alguns “cavaleiros andantes” investiram contra o monstro, mas que as lanças se quebravam na dura carapaça. Contou-me o Sabiá que pássaros românticos (como Pestalozzi, Ferrer...) assumiam a denúncia de que a Escola estaria, há muito e sem se dar conta, imersa numa profunda contradição. Vieram pássaros sábios de Medicina (Decroly, Montessori...) e formularam diagnósticos. Mas, no tempo em que os microscópios permitiam enxergar micróbios, ainda havia quem aconselhasse o recurso a rezas e mezinhas. A Escola recusava o espelho onde se mirar. Precisava de *se alimentar da ausência de imagem, de recusar uma memória inquietante*.

Até que foi chegado o tempo dos profetas (Rogers, Freire...), um tempo em que os guardiães de obsoletos templos atiravam hordas de medonhas criaturas contra qualquer nicho onde pressentissem despontar o sonho de pássaros que recusassem voluntários suicídios de asas. Contou-me o Sabiá que algumas dessas criaturas paravam a investida e se prostravam na contemplação da transparente ternura da profecia, mas que poderosas sombras corroíam as pontes que davam passagem à utopia.

Era bem verdade. No exacto tempo em que completavas os teus dois primeiros anos, as gaivotas da escola das aves sentiam, mais uma vez, o sabor amargo da perfídia que ofuscava o brilho deste *planeta de céu de anil*.

Ítalo Calvino – um pássaro de rara beleza e vida breve – imaginou Marco Polo descrevendo perante Kublai Kan uma ponte, pedra a pedra. Marco Pólo insistia na ideia de que uma ponte não é sustida por esta ou por aquela pedra, mas pela linha do arco que elas formam. Sem nada entender, o poderoso Kublai Kan, disse que apenas o arco lhe interessava e ordenou a Marco que parasse de falar de pedras. Marco Pólo respondeu que sem pedras não há arco...

Os poderosos de todos os tempos sabiam que toda a ponte tem a sua pedra angular, mas ignoravam que uma pedra sozinha não segura um arco. Neste segredo residia a força da ponte. Poderia vergar sob o peso de uma moral caduca feita de tabus e superstições, mas não cedia. E, se havia quem quisesse destruir o acto criador das gaivotas da escola das aves, as pontes para o futuro da Escola resistiam na sólida consistência das pedras fundadoras.

Talvez se torne mais fácil para ti, que vives outros tempos, compreender por que motivo, no tempo em que nasceste, pássaros sem alma roubavam primaveras às frágeis gaivotas e lhes impunham céus cinzentos. E também compreender que as pontes servem para unir margens, ainda que *tanto mar* haja para cumprir. E também que, tal como as águas cortadas vão correr por outro lado, *ali, logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está*.

Posso dizer-te hoje, querida Alice, que os dias em que tu ensaiavas os primeiros sons e os primeiros passos, foram para o teu avô dias de dúvida e ansiedade. Mas, nesse tempo, a par da melopeia do chapim-real, que quebrava o silêncio das noites, a memória de futuros encontros com o doce cantar do Sabiá dava alento às gaivotas desoladas e exaustas.

Naqueles fins de tarde de dias incertos, no bater de teclas de uma máquina usada no tempo em que nasceste (chamada computador) eu encontrava arautos de prodígios e reencontrava o significado de “*pais irmão*”. Ao ritmo de um digitar que diferia do ritmo de pensar, eu recolhia os ecos de um S.O.S. solidário que consolidavam pontes de fraternidade. E, *contornando a imensa curva norte-sul*, embalado no suave flutuar de aragens atlânticas, o Sabiá celebrava um canto que ninguém conseguia sufocar. Pois, se a ponte resistisse, não importava que a *aquarela* da nossa ténue vida se fosse...*descolorindo*.

Setembro

Algures, em 9 de Setembro de 2007,

Querida Alice,

Se eu pretendesse escrever o teu diário, poderia imaginar-te dizendo: *“Hoje é o dia 30 de Agosto de 2001. Fiquei sabendo que nasci no exacto dia em que um senhor chamado Louis Armstrong faria cem anos, se ainda andasse entre vivos. Subitamente, um clarão, estranhos sons e movimentos, até que me sinto agarrada pelos pés, cabeça para baixo, de mão em mão, de braço em braço... é isto a que chamam “nascer”? Passado o sobressalto, envolvem-me numa estranha pele, deitam-me ao lado de um respirar lento e benfazejo, e há uma outra pele que me toca em suavidade. Retomo a calma. Sinto o afago de dedos ternos, bem diferentes dos sobressaltos de há pouco. Depois, uns lábios doces e sons em que pressinto alegria. Depois, uma outra pele mais áspera num toque trémulo e amigável. Depois, é tal qual a “adoração dos magos”: os meus pais não param de olhar para mim. Devo ser mesmo importante...”*

Muitos Agostos se passaram já. E muitos Setembros de voltar à escola. Até chegar este Setembro, que será para ti o início da aventura de ir à escola e reaprender.

O Setembro de há cinco anos era ainda um tempo de te contemplar envolvida no decifrar dos segredos deste planeta perdido num mar de estrelas. Era um tempo de estar ao teu lado sem impor presença, porque estar ao lado de alguém é diferente de estar com alguém, e eu só queria reaprender contigo, discretamente. Nesse Setembro de há cinco anos, eu observava as tuas deambulações pela casa, surpreendia-me a tua busca de sentidos, e os singelos significados que encontravas naquilo que para um avô já não tinha mistério. Porém, tinha muito mais sentido a tua virginal consciência da realidade do que as realidades que provocavam a erosão inconsciente deste teu avô, no choque com tanta inconsciência que, naquele longínquo Setembro, se erguia à sua volta.

Eram naturais os teus gestos de raposa cativando um príncipezinho. Já ouviras a história e conhecias o valor da rosa para esse maravilhoso saltimbanco do espaço. Só não entenderas uma outra história que o teu avô te contara: a do pirilampo e da cobra. Expliquei-te que pirilampo era um bicho que voava, mas não era ave. E que, embora houvesse cobras voadoras, cobras também não eram pássaros. Descrevi a perseguição movida pela cobra ao pirilampo e a perplexidade do insecto, que não fazendo parte da

cadeia alimentar da cobra nem lhe tendo causado qualquer dano, perguntava por que razão a cobra o pretendia devorar. “Porque me incomoda o teu brilho” – respondeu-lhe a cobra.

Na idade de outros entendimentos, descobrirás a moral da história (como diria um senhor chamado La Fontaine, a cada fábula a sua moral...). Também descobrirás que não é fácil lidar com utopias quando elas são reais. E que a mentira muitas vezes repetida mata a possibilidade da alegria diante da beleza de uma utopia concretizada. A escola das aves tinha resistido à praga que sobre ela se abatera, mas eram ainda visíveis os vestígios de destruição. Nunca as gaivotas pensaram em degredar as aves infectas, mas estas conspiravam em recantos sombrios.

No torpor dos dias sempre iguais de um Setembro sombrio de há cinco anos, os abutres vigiavam o silêncio sinistro de outras aves. O falcão de bico curto e adunco, esquecia a agilidade e praticava a obediência, perseguindo presas que o amo determinava, regressando sempre servil à mão férrea. Os papa-moscas caçavam insectos. A poupa vegetava por entre vinhedos, catando terrenos de cultivo na procura de lagartixas. Oculto pela ramaria, o abelharuco dava caça a abelhas e vespas. A gralha tagarela sobrevivia como o escaravelho colado à bola de excremento. Na ignorância dos dias invulgares, a vida decorria igual, a lama transformava-se numa *espécie de céu com nuvens de gozo mole...*

Mas crê, Alice, que uma vantagem que a verdade possui é a de, apesar das tentativas de asfixia sofridas, despontar, em tempos futuros, em outros seres inquietos. E que até mesmo os mais dóceis pássaros possuem o dom da indignação, pois não é apenas nos filmes que os corvos se revoltam...

Nesse Setembro de incerteza vivido há cinco anos, desejaria ver o mundo pela candura dos teus olhos. Na passagem do mundo fantástico para o mundo dito real, nem tudo acontece como nos contos de fadas e o mundo que eu via era o da esperança a consumir-se em negros presságios. Mas também é verdade que a esperança mora nos olhares que só conhecem os limites do infinito, cresce nos gestos de quem procura a *desimposição* de discriionárias imposições.

Nesse já quase esquecido Setembro, os pássaros que acreditavam serem detentores de um poder discriionário sobre outros pássaros, ignoravam o que, muito tempo antes, tinha escrito um rouxinol de nome Aleixo, um pássaro trovador que não precisou de ir à escola para ser poeta e sábio: “*quem prende a água que corre é por si próprio enganado; o ribeirinho não morre, vai correr por outro lado*”.

Gestos simples

Algures, em 10 de Setembro de 2007,

Querida Alice,

Não sei se já te contei a história do beija-flor (os avós passam os dias a repetir recomendações e a contar a mesma história, não é?...). É uma fábula tão curta, que se conta em poucas linhas. Mas é também tão rica de ensinamento, que não cabe num só compêndio. Conta-se que, certo dia, houve um incêndio na floresta – no tempo em que nasceste, havia mãos criminosas que ateavam fogos destruidores – e todos os animais se puseram em fuga. Todos... excepto o beija-flor. Ia e voltava, ia e voltava, trazendo uma gota de água no bico, que deixava cair sobre as labaredas e a terra calcinada. E, quando um dos animais em fuga o interpelou, dizendo ser impossível extinguir o fogo daquele modo, o beija-flor respondeu: *“Eu sei que não são estas gotas que vão apagar o fogo, mas eu faço a minha parte...”*

Talvez o beija-flor da história tivesse lido um livro de muitos livros, onde está escrito que mais vale acender uma luz do que maldizer a escuridão. Isso não sei. O que sei é que, a par da invasão das negrelas, da sanha das galinholas e dos ataques dos urubus, as gaivotas da escola das aves conheceram a generosidade do beija-flor, a inabalável fé dos colibris, e aprenderam o dom da solidariedade de muitos pardalitos.

Instigado por abutres, cuja vontade era fazer da escola das aves, à semelhança da rainha do sonho de outra Alice, uma feirinha de cabeças cortadas, o chefe dos pássaros quis ver tudo explicadinho, tintim por tintim. Para isso, enviou emissários, que observaram a escola, lá do alto, ou pousados no telhado. Escabicharam os mais secretos recantos, estiveram atentos ao mais leve chilrear. Partiram para dizer ao chefe dos pássaros tudo o que tinham visto e escutado, e que em nada correspondia ao que as negrelas tinham dito, ao que os abutres tinham escrito e os papagaios tinham repetido. Mesmo assim, o chefe dos pássaros fez-se desentendido...

Na vida dos pássaros, há momentos em que, perante a infâmia, como face à beleza de certos gestos, nem chorar se consegue. Eram tempos de profanação aqueles de que te venho falando. Mas eram também tempos de um adormecer calmo, na expectativa de manhãs que lavassem toda a infâmia que sobre a escola das aves se abateu. Os pássaros

que habitam as trevas assustam pelo poder da maldade que sempre estão prontos a usar. Mas a maldade pouco ou nada pode face ao brilho sereno da verdade.

Estava a escola das aves imersa numa angustiante espera, quando foi acariciada pelo sussurrar das palavras necessárias. Os pardais são pássaros agitados, mas de que se depreende uma benfazeja simplicidade. E foram as palavras singelas de um pardal que chegaram sob a forma de *e-mail*.

“Caro Zé, tenho seguido com grande preocupação a situação da escola das aves. Está em causa a possibilidade de os pássaros, todos os pássaros, poderem viver livres das grilhetas dos poleiros mais ou menos opressivos e das anilhas que os violentam. Pena é que não faltem por aí velhos urubus à espreita da carne apetitosa e prontos a cantar vitória sobre o que sobrar. Mas fica sabendo que os pássaros da escola das aves não estão sozinhos. Cá fora, há muitos pardais perdidos debaixo de um céu carregado de nuvens escuras, que apenas aguardam um sinal para fazer o que for necessário.

Para todos esses pardalecos, a escola das aves – onde, um dia, quase todos foram beber um pouco da água mais cristalina que já se viu na floresta da pedagogia – é um lugar onde regressam, senão fisicamente, espiritualmente, para que seja possível continuar o voo. Sei (porque vi!) que na escola das aves se aprende a voar alto, mesmo muito alto. E o voo começou a ser tão alto, tão alto, que foi observado em paragens longínquas. Até que, certo dia, um grupo de galinholas, que de voadoras tinham pouco e cujas asas apenas serviam para disfarçar a sua própria mediocridade, se lembrou de arrasar a escola das aves. Queriam fazer do cinzento do seu céu o cinzento de todas as vidas. Porém, os pardalitos, que são muito sossegados mas voam em bando, juntaram-se num instante e aguardaram a palavra para agir. Para que o cinzentismo não voltasse. Para que se pudesse pintar os dias dos pequeninos pássaros com as cores da alegria.

Recebe a solidariedade de um pardal que, um dia, poisou na escola das aves. E que ficou mais simples e puro, como tudo o que acontece por aí”.

Querida Alice, no tempo em que nasceste, um pássaro de voluntários exílios disse que o homem mais sábio que havia conhecido não sabia ler nem escrever, mas decifrava os pequenos grandes segredos que a Natureza encerra. Comungava da simplicidade dos pássaros, plantava árvores e tratava-as com desvelo. Um dia, esse homem sábio de simplicidade abraçou, uma por uma, as suas árvores. E, nesse mesmo dia, morreu.

Um abraço estreita a distância entre ritmos pautados no lado esquerdo do peito, ou afaga a mesma árvore que acolhe os pardais, no fim de cada tarde. Ambos são gestos simples,

de comunhão com um ritmo que é bem diferente do frenesim que se apossou das cidades dos homens. Abraços e pardais estão em profunda harmonia com um tempo pressentido no vai e vem das marés, e que as horas dos homens não medem. Saibamos ler nos gestos simples uma verdade maior: a certeza das manhãs e dos reencontros.

Como vês, querida Alice, o beija-flor e o pardal são pássaros pequenos, mas dão grandes lições. Como vês, querida Alice, a vida pode ser lida num abraço de despedida como num saltinho de pardal.

Voar em vô

Algures, em 11 de Setembro de 2007,

Querida Alice,

Neste mesmo dia de há seis anos, pássaros metálicos derrubaram torres altaneiras e semearam a morte nas terras do norte. Na mesma terra de onde partiram, num outro 11 de Setembro, mensageiros da morte que semearam sofrimento no sopé dos Andes, nas terras do sul. É verdade, querida Alice. Nos dias que sucederam ao teu nascimento, o reino dos pássaros vivia ensombrado pela compreensão de uma evidência: as sociedades que dispunham das melhores escolas eram as mesmas sociedades que produziam exércitos ocupantes e seres egoístas que, em nome do seu conforto, envenenavam os céus de todos os pássaros com gases letais. Nesse tempo, também através da escola se perpetuavam insanos ciclos de violência e morte.

Muito antes, no primeiro ano do vigésimo século da era dos homens (no tempo de um discreto anunciar da era dos pássaros), uma andorinha enunciou uma premonição jamais consumada. Essa andorinha acreditava que o vigésimo século do tempo dos homens seria chamado “o século da criança”. Acreditava que a escola faria dos pássaros e dos homens seres mais sábios e mais felizes. Porém, durante todo esse século, a Escola apenas reproduziria velhos rituais sem sentido. A escola dos homens não produzia humanidade. Produzia *bonsais* humanos. E, no princípio do século em que nasceste, a escola já nem sequer ensinava (como pode uma escola ensinar, se nunca acariciou ninguém?).

Mas foi também por essa altura que uma outra gaivota (de nome Jean) explicou o que a ciência dos homens havia aprendido com as suas companheiras vindas das terras do sul. Sendo as gaivotas da nossa história pássaros “*aprendizes até ao último bater do coração*” ficaram presas à descrição da maravilhosa criatura. E a andorinha Jean contou às gaivotas segredos que ajudaram a melhorar a escola das aves.

Quando a proximidade do Verão impelia as andorinhas a partir, elas voavam sempre em bando, desenhando no céu a forma de um vô. Quando uma andorinha batia asas, produzia uma corrente de ar ascendente que ajudava a progressão das companheiras que voavam atrás de si. Se, por efeito de um golpe de vento ou tentação de lonjura, alguma andorinha se afastava do bando, logo regressava ao seu amplexo protector. E, quando a

fadiga assaltava a andorinha que ocupava o vértice da cunha voadora, logo outra andorinha corria a ocupar o seu lugar. Poder-se-ia pensar que a andorinha que voava à frente de todas as outras cortava o vento sem ajuda de ninguém... Puro engano: se perante os seus olhos se estendia o sem fim do espaço, atrás de si, todo um bando a impelia para a frente e lhe conferia a escolha do rumo. Aliás, enquanto durou, a ciência dos homens apurou que as andorinhas que voavam no aconchego do bando emitiam sons que animavam as que, por contingência, ocupassem os lugares da frente.

Estas e muitas mais lições aprenderam as gaivotas – sempre prontas a aprender com outras aves –, mas a maior das lições foi dada por uma andorinha que, apercebendo-se do drama vivido pela escola das aves, por ali se deixou ficar, enquanto durou o cerco imposto pelos abutres, negrelas e papagaios. É certo e sabido que nenhuma andorinha, em seu perfeito juízo, se deixaria ficar, trocando o certo pelo incerto, arriscando a vida. Mas esta aceitara plantar ninhos noutros beirais. Como sempre acontecia perante a simplicidade e beleza dos pássaros – que me traziam à memória a simplicidade e a beleza esquecidas por muitos homens – quedei-me num silêncio comovido perante o gesto da andorinha resiliente.

Pressinto, querida Alice, que te questionarás: como pode essa andorinha arriscar expor-se aos rigores da invernada e ao peso das saudades do futuro? Sabemos que uma andorinha é criatura de hábitos gregários, que não sobrevive à solidão e que, quando aprisionada, resiste secretamente em silêncios que falam de voos por dentro. Mas esta manifestava uma alegria de existir maior que a saudade que sentia de África. É que a andorinha não estava sozinha, mas amparada. Eu explico...

No decurso das viagens, sempre que uma andorinha adoecia ou ficava ferida, logo as duas mais próximas abandonavam o bando, para a acompanhar e proteger, somente regressando ao aconchego de um outro bando em migração, quando a andorinha que protegiam recuperasse a capacidade de voar, ou morresse. E eu bem vi, ao longo de um longo Inverno, um ninho de lama a abarrotar do calor de três pares de asas negras. Assim, as gaivotas receberam destas andorinhas que sonhavam o regresso da Primavera mais uma prova de que a solidariedade não era uma palavra vã.

Nesse distante mês de Outubro dos primeiros anos deste século, os primeiros frios de Outono foram temperados com a chegada de pássaros de todas as cores e origens, que, seguindo o exemplo das andorinhas solidárias, acorriam em auxílio da escola das aves. E já não era apenas uma escola que urgia perseverar, mas todas as escolas onde, sob múltiplas formas esboçado, o futuro despontava.

Os dias do fim do cerco

Algures, em 12 de Setembro de 2007,

Querida Alice,

Nesta carta te darei notícias do fim do cerco, notícias calmas, não as de uma esperada agonia. Também te falarei da generosidade dos pelicanos.

Como te disse na última carta, pássaros de todas as cores e origens acorreram a proteger a escola das aves. A voz de milhares de pássaros atravessou o cerco, fez-se ouvir para além das ameaçadoras nuvens que pairavam sobre uma escola onde algumas gaivotas velavam pela sorte de centenas de aves indefesas.

Ainda que algumas aves do desperdício ainda esboçassem derradeiros intentos predadores, a escola das aves resistia. Enquanto um ou outro papagaio hipotecava a alma a troco de favores de passarões mandantes e continuava a espalhar boatos, as gaivotas recuperavam ânimo na contemplação do pôr-do-sol, cada dia diferente de outros dias, sempre belo e gratuito, cada noite anunciando dias mais claros e céus mais azuis. Nada logravam as vozes de aves agoirentas contra a limpidez do canto de milhares de solidárias aves.

Entre as aves doentes que cercavam a escola das gaivotas resistentes, os excessos de infâmia eram comuns. Mas as malévolas investidas eram serenamente repelidas pela tranquilizadora quietude dos pelicanos. Durante todo o tempo que durou o cerco, esta ave destacou-se pela sua capacidade de dedicação e sacrifício. Meditarás, querida Alice, sobre o facto de este teu avô atribuir humanos nomes a ornitológicos seres. É porque não me sobra engenho para reinventar a adulterada linguagem dos homens (um pássaro perfeito, que para sempre se perdeu nos desertos de África, escreveu que a linguagem dos homens passou a ser fonte de mal-entendidos). Nem conseguiria lograr alcançar a compreensão de ocultos saberes que só as aves preservam – entre os quais avultam o da simplicidade e o do amor pelas rosas – para que pudesse atribuir o exacto nome à exacta essência. Confessada a minha incapacidade para ascender aos limites apenas alcançados pela sensibilidade dos pássaros, chamemos Manuel ao nosso pelicano (em hebraico, Manuel significa *Immanu-el*, “*Deus conosco*”). Pois, se este pelicano representava todos os pais das jovens aves, bem poderia ser considerado o pai entre pais.

O chefe dos pássaros, talvez enganado pelos abutres, havia quebrado promessas feitas e deixara a escola das aves sem condições de dar abrigo aos jovens aprendizes de voar. Mas, quando os sitiadores já se convenciam de que a ignomínia compensa, os céus antes tingidos pela ignorância e a crueldade de tenebrosos pássaros readquiriram novos e luminosos novos matizes, quando afagados pelos ecos da bondade dos pelicanos que se mantinham atentos ao evoluir da tempestade. O pelicano Manuel quase não dormia. A noite surpreendia-o postado diante da escola. A manhã seguinte era testemunha da sua presença vigilante.

A heráldica representa o pelicano de pé, asas abertas, abrindo o peito com o bico, dele escorrendo gotas de sangue com que sustentam os filhos. É verdade, Alice, algumas espécies chegam mesmo a deixar-se devorar pelas crias. Morrem para dar vida. E o pelicano Manuel estava mesmo decidido a pôr em risco a sua vida, se preciso fosse, para que os filhos de todos os pássaros não ficassem órfãos de ternura.

Quanta bondade cabia nas asas deste pelicano! Absorvido pelo cuidar dos outros, não cuidava de si. E confiava, cegamente confiava que a bondade habitava todas as almas. O pelicano Manuel não intuía fraquezas, dissimulação, ou maldade nos gestos de outros pássaros. Observava as aves do céu, que não semeavam, nem segavam, nem ajuntavam alimento em celeiros. E cultivava a mesma esperançosa canseira da ditosa infância que recolhe pássaros caídos dos ninhos, deles cuidam com esmero, e os soltam logo que recuperam o dom de voar. Era assim este maravilhoso pelicano. E, talvez por força da sua estranha fé, algo inesperado aconteceu: gaivotas de uma outra escola abriram as suas portas à magia das gaivotas da escola das aves.

Porque outras escolas também eram habitadas por gaivotas. Em todas as escolas as havia, ainda que discretas, aferrolhadas numa sala – não fosse o diabo tecê-las e algum pássaro porquénim espreitasse e fosse contar pecadilhos a um porquénão. Ano após ano, estas clandestinas gaivotas de outras escolas fingiam ensinar a todos como se fossem um só, num equilíbrio precário, quase a soçobrar perante a perfídia dos porquénãos. E foram estas gaivotas solitárias que manifestaram o ensejo de acolher duas gaivotas e alguns pássaros aprendizes da escola das aves.

As andorinhas resistentes avisavam as gaivotas de que seria arriscado construir ninhos em beirais alheios. Mas o pelicano Manuel não imaginava as gaivotas agindo como cucos usurpadores de ninhos. Convicto da bondade das gaivotas hospitaleiras, enviou mensageiros e lançou-se no afã de preparar a partida das jovens aves. O pelicano

Manuel era assim: não abdicava da sua estranha fé, uma fé que lhe dizia não existir amor verdadeiro sem desprendimento e confiança.

Como é que o guacho coloca o primeiro graveto?

Algues, em 13 de Setembro de 2007

Querida Alice,

Recordar-te-ás de que uma outra escola acolheu no seu seio duas gaiotas e pássaros aprendizes, que partiram da escola das aves levando na bagagem gestos e saberes adquiridos nas origens, mas também o desprendimento e a confiança necessários à construção de novos ninhos. Faltaria apenas entender os sinais e os perfumes de outros pássaros, sentir o pulsar de outros lugares, outras verdades. Pois, como disse o Pássaro Encantado (de que te falei numa outra carta), a verdade não é uma só, nem é só nossa, vivendo, sob múltiplas formas, em todas as pessoas e em todos os pássaros.

Os primeiros tempos foram de prudente expectativa, mas também de disponibilidade. Em tudo o que se relacionasse com as aprendizagens que os jovens pássaros devessem fazer, seria de fazer também a pergunta fundadora: seriam os pássaros ensinantes (quer os recém-chegados, quer os residentes) capazes de assumir a construção em comum de um *locus* de aprendizagens que fizesse dos aprendizes pássaros sábios e felizes?

As gaiotas sabiam que tais aprendizagens não seriam viáveis em processos de transmissão como o dos vasos comunicantes, mas que se colariam às asas se o voo ensinado fosse colado à vida; todavia, estavam receptivas a diferentes saberes de diferentes pássaros. As gaiotas migrantes apercebiam-se das sombras projectadas de abutres voando em círculo e da proximidade de múltiplos perigos; porém, generosas até à morte, as gaiotas recém-chegadas acolhiam o jeito de asas das gaiotas hospitaleiras e buscavam a compreensão de um novo canto, sussurrando aos ouvidos das jovens aves a harmonia que se respira nos gestos de um guacho.

O guacho é um pássaro que constrói o seu ninho suspenso de um ramo. Perplexo face à mestria exigida pela construção desse ninho, o Pássaro Encantado interrogava-se: como é que o guacho coloca o primeiro graveto para construir o seu ninho?

O guacho não perdera a memória do tempo de um viver em comum (como um), a memória de um tempo sem resquícios de rivalidades que assegurassem a exclusiva posse de um território ou arrastassem pássaros para tentações de subjugação dos seres nele confinados. O guacho apenas vivia para construir ninhos. E sabia que, para instalar os frágeis alicerces da estrutura que serviria de berço à sua prole, para enlaçar o segundo

dos gravetos no ramo pendente sobre o abismo, precisaria de dois bicos fraternos e solidários segurando o primeiro. Ao construir os seus ninhos suspensos sobre as águas, o guacho dava lições de arquitectura. Possuía os saberes dos construtores de pontes, sabia que toda a ponte tem dois sentidos e que as pontes estabelecem sempre uma transição entre o que é e o porvir...

O guacho detinha ainda a faculdade de fazer outras pontes, pois entendia e sabia reproduzir os cantos de outros pássaros. Como disse o Pássaro Encantado, *quando se fala com amor, cada palavra que se diz é uma revelação daquele que fala*. Daí que, na Babel em que frequentemente se transformava a sociedade dos pássaros, o guacho estabelecesse pontes de entendimento entre diferentes linguagens, abrisse janelas sobre a lucidez dos dias, levasse o alimento da palavra simples e pura até às raízes dialógicas, até que o que o que padecesse de aridez se transformasse em comunicação fértil.

É sempre bom relembrar exercícios de solidariedade porque, nesses conturbados tempos do princípio deste século, os gestos fraternos eram escassos. E também porque a solidão é, muitas vezes, o destino de pássaros a quem calha por sina o conhecimento e a bondade. Um pássaro chamado Tomás de Aquino escreveu que o dom da inteligência está associado ao dom das lágrimas. Porém, o sal do pranto vertido não corroeu o sagrado destino dessas gaivotas.

É sempre útil recordar que, quando as gaivotas desta história decidiram abalar dos rochedos junto ao mar, indo à aventura terra adentro, até desagurem do seu longo peregrinar numa terra entre dois rios, nada conseguiriam se as gaivotas de outras margens se recusassem a partilhar a construção e a coabitação de ninhos onde jovens aprendizes de voar aprendessem o voar mais longe. E que foi na observação atenta do guacho edificando ninhos que as gaivotas se iniciaram numa sabedoria que não se adquire na contemplação de reflexos num espelho.

Quando a Primavera aporta os rituais de sedução e a azáfama do acasalamento nas copas das árvores, mercê de insondáveis e latentes desígnios, sucedem-se as cópulas que asseguram a perenidade das espécies, sem que o instinto se sobreponha ao cotio da liberdade. Porém, muitas aves ignoram a finalidade dos seus actos – o que não é o caso do guacho. Poder-se-á chamar instintivo ao acto paciente e fraterno de juntar um galho a outro galho, até se completar um ninho. Eu diria ser mais um acto religioso. Que mania a dos humanos seres a de considerar não ser da natureza dos pássaros o *re-ligare!* Que estranha presunção a dos humanos seres a de considerar que os pássaros sejam

desprovidos de alma e que a construção do ninho de um guacho não seja um acto de intensa comunicação de alma para alma entre pássaros construtores.

O canto das almas sensíveis

Algures, em 14 de Setembro de 2007,

Querida Alice,

Foram muitas as lágrimas da partida e muitas foram as vertidas nos reencontros (não acredites nos que dizem que os pássaros não choram). Foram muitos os voos das aves aprendizes de retorno ao ninho original. Foram tempos de tensa expectativa os primeiros tempos, tempos de ambiguidade, de apreensão, mas também de teimosa confiança.

Como pombas com ramos de oliveira atravessados nos bicos, as jovens aves aprendizes estabeleciam laços, lançavam alicerces das pontes que levavam dentro de si, nas faldas das margens a unir. Não importava a tumultuosa torrente que ameaçava fazer ruir as frágeis fundações. Não importava que horrendas fauces assomassem nos itinerários construtores. O medo não era sentimento que as jovens almas cultivassem. Aliás, uma das gaivotas encontrou recados de despedida deixados na escola das aves. Um desses recados de pássaro aprendiz (a que poderíamos chamar Cláudia ou Vanessa) dizia: *Hoje, sinto-me quase feliz, à beira de voar sonhos novos. Medo não sinto. E até o inesperado me fascina. É um sentimento forte e, ao mesmo tempo, leve e doce. Medo não sinto, porque não parto sozinho.* Numa outra mensagem (nas palavras puras de uma Joana ou de um André...) lia-se: *quero agradecer o terem acreditado em mim, fazendo-me sentir como é bom aprender ensinando.* E, para não ser fastidioso, apenas mais um excerto do canto dessas almas sensíveis (a que poderíamos chamar Tiago ou Constança): *como era bom ver os professores começarem cada dia com um sorriso, o sorriso que levo comigo para a nova escola, e cuja recordação faz coceguinhas no meu coração.*

Como escreveu um rouxinol chamado Ruy Belo, são pássaros assim que fazem cantar as árvores. Se a elas estão ligadas pela carícia das ramagens, não as possuem. Se a nostalgia dos verdes anos os atraem para frondosos rumorejares, também arriscam partir, sobrevoando povoados e descendo ao mundo apenas para colher energia para novos voos. Os pássaros de alma sensível entendem o exemplo da cotovia, que nidifica em terra firme, junto aos ninhos de aves irmãs, mas que também se lança em voo na vastidão de espaços desertos. Que até se esquece que o seu canto líquido é, por vezes,

tão estridente, que levou um poeta a pedir-lhe que *cantasse mais devagar*. E, por falar na cotovia, talvez seja a altura de te recordar algumas personagens e de as convocar para o epílogo que se avizinha. Porque eles sempre estiveram por detrás de tudo o que de belo, ou de menos belo, foi sucedendo.

No canto das almas sensíveis não cabem trinados de medo. Mas não nos esqueçamos de que, em todos os dias futuros de todas as escolas, a par do canto das almas sensíveis, o borogóvio – pássaro lastimável por ser aparência de pássaro sério – há-de continuar a instigar a regra do “sempre foi assim”; os porquenãos hão-de continuar obstinados no fazer sem saber explicar por que fazer e *porque é assim... e pronto!*; e importa também convocar os porquenins (aves sempre de acordo ora com uns ora com outros, conforme a ocasião); e o papagaio (que repete e não reflecte, e que é surdo ao reparo inteligente).

Como diria um outro rouxinol (que tinha por nome Pessoa), se deixasse de haver seres horríveis, o mundo ficaria mais pobre, só porque teriam deixado de existir. Nem as gaivotas, na sua infinita compaixão, desejariam sequer imaginar que um qualquer jovem (des)humano sublimasse num tiro de espingarda as suas juvenis frustrações, suspendendo em chumbo certo os voos dessas aves de má memória.

Foi o amor sempre presente no canto das almas sensíveis que comoveu as almas empedernidas dos abutres, dos papagaios, dos porquenãos, dos borogóvios e das falsas negrelas, e as redimió do pecado da ignorância e da maldade. A doce paciência das almas sensíveis ajudou os pássaros doentes a não terem medo da luz diurna, a não fechar os olhos à claridade. Ajudou as falsas negrelas a sentirem a misteriosa fragrância das flores da beira-rio, em ambas as margens dos rios. Ensinou os papagaios a entenderem os segredos contados nos murmúrios do vento enlaçando os canaviais. Convenceu porquenãos e porquenins da inutilidade da sua azáfama de pássaros rotineiros. Foi o canto das almas sensíveis que ensinou aos abutres ser possível “*voar numa cor, para aprender a ser morte ou borboleta*”.

Querida Alice, amanhã, será o teu primeiro dia de escola. Irei esperar-te à entrada desse novo mundo que te espera, para te entregar a última das cartas que quis escrever-te. Hoje, apenas acrescentarei que, nos anos que sucederam aos dramáticos acontecimentos que venho narrando, as gaivotas que sofreram o fustigar das asas por ventos contrários aprenderam no canto das almas sensíveis a arte de voar com todos os ventos... sem esquecer que *o importante é a direcção*.

Dir-te-ei também que, no decorrer do tempo que separa o dia em que nasceste do dia em que vais à escola, o mar azul que vês da janela da tua casa *pintou de branco o voo das gaivotas.*

A moral da história

Algues, em 15 de Setembro de 2007

Querida Alice,

Aqui estou, a entregar-te este montinho de cartas. Quando a decifração dos códigos da linguagem dos homens to permitir, hás-de lê-las. São tantas quantos os dias que mediaram o dia de completares seis anos e o dia de ires à escola. Esta é a última das cartas, que não o fim da história. Este é o dia da tua primeira ida à escola, o início de uma outra história. E ambas terão os desfechos que lhes quiseres dar.

A vida é uma história sempre inacabada a que podemos conferir diferentes desenlaces. Basta que não nos confinemos aos estreitos limites do entendimento das coisas e dos seres deste nosso tempo da proto-história dos homens. Quando, depois de extintos os ecos do tempo da história, os homens acederem à era do espírito, hão-de entender a fragilidade dos paradigmas que sustentavam as suas ciências. Hão-de reconhecer como aparentes as suas imutáveis realidades. Hão-de reconhecer a falsa moral das suas histórias, se comparada com a doce amoralidade dos pássaros.

Quero que saibas que, quando os homens criam ser o seu mundo plano e limitar-se aos mediterrânicos limites, já os pássaros sabiam ter o planeta forma arredondada, por o terem sobrevoado de lés a lés. No tempo em que os homens criam ser o centro do mundo e viam abismos e monstros na linha do horizonte, os pássaros redefiniam zénites e provavam que o espaço é ilimitado como a música e os sonhos. Onde, antigamente, os homens idealizaram um céu de vida eterna para os seus eleitos, havia pássaros. No lugar onde imaginaram situar-se o trono dos seus deuses, não havia uma “*pomba estúpida*” à medida dos seus medos, mas o espírito dos pássaros. Quando os desvendadores dos segredos dos mares atingiram novos mundos, encontraram pássaros. Quando os homens voaram até à Lua e dela contemplaram o planeta azul, compreenderam que o azul que os separava do imenso e negro espaço não tinha segredos para os pássaros que, há séculos, o habitavam. E, quando os astrónomos, espreitaram através de potentes telescópios, penetrando distantes galáxias e confirmando a antiga predição de que o que está por baixo é igual ao que está no alto, viram pássaros invisíveis pousados no asteroide B 612. Para ti, querida Alice, é natural o modo doce como a escola te acolhe. Neste *primeiro dia do resto da tua vida* parece que sempre assim foi. Mas, para que pudesses amar o ir

à escola, muitos foram os pássaros que sofreram a dor de um tempo em que as gaivotas se condoíam de ver jovens pássaros amontoados em celas de betão, vigiados nos mínimos gestos. Por mais inverosímil que possa parecer, era mesmo assim, querida Alice. A infantil curiosidade acabava desfeita em submissões. Mas, como disse, as histórias acabam como nós quisermos que acabem...

No tempo em que nasceu o teu irmão Rafael (é nome de anjo e não terá sido por acaso que os teus pais lho deram), conheci uma gentil gaivota de nome Angélica. Nem precisaria de tal nome, para sabermos que o era. Juro que não inventei o nome, apesar de humanos mais cépticos poderem pensar que minto. São lugares de verdade, são seres verdadeiros aqueles de que te venho narrando feitos e peripécias. Tu sabes bem que os seres e os nomes são o que nós quisermos que sejam. Tu sabes que não é por acaso que haverá acasos e que as coisas se vão entrelaçando e tomando forma, fazendo sentido, e acreditas que ser angélica, no presente caso, não é ficção. Existiu. E foi como um anjo da guarda das iluminuras. A propecta idade da gaivota Angélica há muito a afastara do ensinar aprendendo, já não lhe consentia o voar errante de outros tempos. Mas acolhia numa espécie de tálamo de experiência e bondade jovens gaivotas indefesas perante as arremetidas de avestruzes que, possuindo asas, ignoravam a sua utilidade. Até ao fim dos seus dias nesta terra dos homens e dos pássaros, Angélica contagiava as jovens gaivotas ensinantes com o seu solidário saber experiencial, apaziguando angústias, conferindo-lhes alento para defrontar os perigos.

Aprendi com essa angélica gaivota que a morte é uma invenção dos homens e um conceito incompreensível para os pássaros. Os homens poderão morrer, mas os pássaros regressam sempre. E, quando caminhamos para velhos, quando o tempo foge enquanto a eternidade avança, é comum suceder um inusitado retorno à infância, sentir-se uma estranha nostalgia de não sei quê, que também sinto. Creio que também irei ter saudades quando chegar a minha vez de regressar ao lugar de onde terei vindo e para onde partiu antes do tempo uma outra gaivota de nome Luísa. Mas também sei que saberás reinventar o mundo e as histórias que eu te deixar. Se, com o aprender a ler, desvendares mistérios e ousares pôr asas na imaginação, inevitavelmente, te confrontarás, minha querida neta, com a perfídia e a ignorância do teu tempo. A mesma perfídia e a mesma ignorância com que as gaivotas da escola das aves se confrontaram, no tempo em que nasceste. Mas não deixes de acreditar. Acredita sempre. Ainda que te acusem de loucura, te apelidem de utópica, não te quedes na amargura de ninhos

desfeitos, nem esperes a compreensão dos homens. Busca a sabedoria dos pássaros. Deixar fluir a torrente dos dias invulgares que vem de muito dentro de ti.

Um rouxinol de nome Góis (não é aquele em que estás a pensar e que a Santa Inquisição assassinou, mas um seu homónimo mais discreto), cantava que *não se vendem moças de amar, nem certas estrelas, nem dunas de areia*. E o silêncio que te possam impor cantar num secreto jardim melodias imperceptíveis aos ouvidos dos pássaros sem alma. E, por falar em jardim e do que de dentro vem, veio-me à memória um conto escrito pelo Óscar, um pássaro que voou acima das palavras habituais. Fala-nos de um rouxinol que, num infausto instante, escutou a voz de um adolescente apaixonado, que reclamava uma rosa vermelha para oferecer à sua amada.

O rouxinol voou urgente, em busca da rosa encarnada, sem lograr encontrá-la. A roseira queixou-se de que o Inverno lhe gelara a seiva e lhe queimara todos os botões. Mas, apercebendo-se da imensa bondade do pássaro, disse-lhe que seria possível transformar uma rosa branca em rosa encarnada. Bastaria que o rouxinol aceitasse tingi-la com o seu sangue, deixando que um espinho lhe trespassasse o coração, enquanto cantasse o derradeiro canto. Seria o sangue da avezinha que, saciando a sede de cor daquela rosa, a iria carminar... (não queiras saber da conclusão da história, querida Alice, inventa-a!)

A garça Cláudia enviou-me o texto de um Gabriel (também é nome de anjo), que falava de uma outra Alice, que achou muito natural que um coelho lhe dirigisse a fala e lhe sugerisse abrir uma porta que dava acesso a um belo jardim. Essa Alice procurou uma chave, um qualquer livro de magia que a ajudasse a resolver a situação. Mas apenas encontrou um frasquinho com um rótulo, que dizia: "bebe-me". Se quisesse ultrapassar a porta que a levaria ao jardim, a Alice dessa história teria de beber...

Deixo as histórias por completar, porque tudo o que é predito é da natureza das coisas inertes. Porque tudo aquilo em que não cabe um pensamento divergente, confunde a semente com o gesto. Porque tudo o que é previsível estiola. A vida é um constante recomeço, sem princípio nem fim. Se a cidade de Tecla nunca foi concluída, para que ninguém pudesse iniciar a sua destruição, por que se preocupam os homens em imprimir uma moral e dar desfecho às histórias que inventam? Não é necessário que todos amem rosas vermelhas em detrimento do amor por outras rosas, como não se pode obrigar alguém ao amor puro.

Num destes dias, te contarei outras histórias e te recontarei a da Alice e a do rouxinol, se quiseres, mas ao contrário. E tu hás-de extrair a moral dessas histórias e de outras histórias de rouxinóis e de anjos. A tua moral, claro!...